

PERFIL DOS DOCENTES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS E PRIVADAS

PROFILE OF UNDERGRADUATE NURSING FACULTY AT PUBLIC AND PRIVATE UNIVERSITIES

PERFIL DE LOS PROFESORES DE CURSOS DE PREGRADO EN ENFERMERÍA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS Y PRIVADAS

Fábio de Souza Terra^I
Iara Aparecida de Oliveira Secco^{II}
Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi^{III}

RESUMO: O estudo objetivou identificar o perfil dos docentes de enfermagem de universidades pública e privada de um município do Sul do Estado de Minas Gerais. Trata-se de pesquisa descritiva, correlacional, transversal, quantitativa, desenvolvida em 2010, com 71 docentes de duas universidades (pública e privada). Utilizou-se um questionário, após validação e teste piloto. Constatou-se predomínio de professores do sexo feminino, com faixa etária de 31 a 40 anos, casados, renda familiar mensal de R\$4001 a R\$6000, formação universitária em enfermagem, mestres, tempo de trabalho em docência de 6 a 10 anos e na instituição privada cerca de 31% possuem outro emprego. Alguns professores praticam exercícios físicos semanalmente; poucos são tabagistas e a maioria não consome bebida alcoólica, não apresenta doença crônica e não faz uso de medicamentos diários. O conhecimento do perfil dos docentes universitários de enfermagem permitirá às instituições qualificarem-nos para o adequado desenvolvimento de suas atividades.

Palavras-chave: Enfermagem; docentes de enfermagem; universidades; educação superior.

ABSTRACT: The study aimed to identify the profile of Nursing faculty at a public and a private university in a town in southern Minas Gerais State. A descriptive, correlational, cross-sectional quantitative study was conducted in 2010 with 71 teachers at the two universities. A questionnaire was applied after pilot testing and validation. Professors were predominantly female, aged 31 to 40 years old, married, family income from 4001 to 6000 Brazilian *reais*, had studied nursing at university, held Masters degrees, had been teaching for 6 to 10 years, and approximately 31% of those in the private institution also held other employment. Some teachers engaged in physical exercise every week, few smoked and most did not consume alcohol, had no chronic disease and did not use medication daily. Knowing the profile of nursing faculty will enable the institutions to qualify them to pursue their activities appropriately.

Keywords: Nursing; nursing faculty; universities; higher education.

RESUMEN: El estudio tuvo como objetivo identificar el perfil de los docentes de enfermería de universidades públicas y privadas en una ciudad meridional del Estado de Minas Gerais-Brasil. Es descriptivo, correlacional, cuantitativo, de corte transversal, desarrollado en 2010, con 71 profesores de dos universidades (pública y privada). Se utilizó un cuestionario después de la prueba piloto y validación. Se encontró un predominio de profesoras, de 31 años a 40 años de edad, casadas, renta familiar mensual de 4001 a 6000 reales, formación universitaria en enfermería, maestras, tiempo de docencia de 6 a 10 años y en la institución privada aproximadamente 31% tienen otro trabajo. Algunos profesores practican los ejercicios físicos todas las semanas; pocos son fumadores y la mayoría no consume alcohol, no tiene enfermedades crónicas y no usa drogas todos los días. Conocer el perfil de los académicos de instituciones de enfermería nos califica para el adecuado desarrollo de sus actividades.

Palabras clave: Enfermería; docentes de enfermería; universidades; educación superior.

INTRODUÇÃO

Entende-se como trabalho os processos produtivos organizados ou informais, urbanos ou rurais. A saúde é compreendida pelas mudanças no potencial má-

ximo de vida dos trabalhadores e seus descendentes e da população exposta aos contaminantes oriundos direta ou indiretamente do processo de trabalho. Esse

^IEnfermeiro. Doutor em Ciências pelo Programa Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professor do Curso de Medicina e Enfermagem da Universidade José do Rosário Vellano. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fabsouterra@yahoo.com.br.

^{II}Enfermeira. Pós-Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Norte do Paraná e Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: iarasecco@sercomtel.com.br.

^{III}Enfermeira do Trabalho. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: avrmlccr@ceerp.usp.br.

^{IV}Artigo extraído da Tese de Doutorado *Avaliação da ansiedade, depressão e autoestima de docentes de enfermagem de universidades pública e privada* apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Pesquisa financiada pela CAPES.

entendido, como um processo histórico e social, é determinado pelos modos de produção da sociedade¹.

Quando o trabalhador sente-se comprometido com o trabalho, ele é enriquecido pela excitação que os desafios provocam, pela satisfação com a atividade laboral bem realizada, pelo prazer que trazem os relacionamentos com os outros e pelo orgulho de colocar seus valores em ação².

O mercado de trabalho em saúde vem sofrendo importantes transformações determinadas pelas políticas econômicas, tecnológicas e sociais. Essas transformações exigem mudanças das instituições formadoras para que os egressos das universidades atendam às novas demandas geradas³. Destaca-se que a enfermagem atual tem o desafio de permitir que suas características essenciais permaneçam frente às mudanças tecnológicas⁴.

Entre os múltiplos ambientes de trabalho e os vários tipos de atividades laborativas existentes, incluindo-se aos trabalhadores de enfermagem, há aqueles das universidades.

A universidade exerce um importante papel social, visando a construção do conhecimento científico e de formas de interação com a prática mediante condições que estimulam a reflexão, a capacidade de observação, a análise crítica e resolução de problemas, possibilitando a autonomia de ideias e a formulação de pressupostos⁵.

É notório mencionar que a missão da universidade é bem maior do que a de formação ou produção de bons profissionais; ela é a principal responsável pela geração e organização do conhecimento e pela preservação da cultura⁶.

Diante do exposto e da relevância de caracterizar os docentes de enfermagem que atuam em cursos de graduação das universidades brasileiras, o presente estudo^{IV} teve como objetivo identificar o perfil dos docentes de cursos de graduação em enfermagem de universidades pública e privada de um município do sul do Estado de Minas Gerais, comparando as variáveis entre os professores das duas universidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, há dois tipos de universidades: pública e privada. Parte-se da suposição de que a identidade dos docentes das instituições de ensino superior (IES) particulares sofrem fortes repercussões tanto das transformações ocorridas no mundo do trabalho, quanto das mudanças recentes relativas ao processo de expansão dessas instituições no Brasil, nos anos de 1990. Esta suposição, por sua vez, está relacionada a uma definição do trabalho do docente no ensino superior que está condicionada à instituição na qual exerce sua atividade⁷.

No final da década de 80 e parte da década de 90, o ritmo de expansão de criação de universidades públicas brasileiras foi muito pequeno, porém houve uma política de abertura de IES particulares⁸.

Visto sob este aspecto, a rede de ensino superior hoje é predominantemente privada, contrariamente ao que ocorria no final da década de 50. Isso se deve à política traçada e implementada pelo Estado, que vem legitimando este procedimento por meio de autorizações e reconhecimento do processo de privatização do ensino superior⁹.

As finalidades básicas das universidades são o ensino, a pesquisa e a extensão. Por meio da unidade entre estes três pilares autônomos, porém dependentes entre si, estas instituições vão exercendo suas finalidades para construir o conhecimento científico, (re)orientando o senso comum e criando um novo saber¹⁰.

O profissional responsável pela educação nas universidades é o docente. O trabalho que ele realiza constitui-se em um conjunto de ações específicas que são empreendidas pela pessoa do professor durante sua vida profissional. Dessa forma, ele é transmissor de conteúdos, preocupado em cumprir objetivos e metas, prazos e prescrições; ele detém o poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação e forma de interação com aluno. Este último deve reproduzir os dados fornecidos e executar as orientações do professor, o qual detém o poder, a autoridade e o conhecimento¹¹.

Com essa compreensão, a prática docente deve superar o ato de transmitir informações. O professor precisa assumir o papel de mediador do processo ensino-aprendizagem de forma que os alunos ampliem suas possibilidades de conhecer, duvidar e interagir com o mundo por meio de uma nova maneira de educar¹².

A formação do docente em enfermagem deve ser consolidada com base no domínio de conhecimentos científicos e na atuação investigativa no processo de ensinar e aprender, recriando situações de aprendizagem por investigação do conhecimento de forma coletiva com o propósito de valorizar a avaliação diagnóstica dentro do universo cognitivo e cultural dos acadêmicos como processos interativos¹².

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, correlacional, de corte transversal e abordagem quantitativa, desenvolvido com 71 docentes do Curso de Graduação em Enfermagem de duas universidades (39 da pública e 32 da privada) localizadas no município de Alfenas-MG. No primeiro semestre do ano de 2010, havia 41 docentes de enfermagem na instituição pública e 34 na privada. Desse conjunto (75), dois professores de cada universidade não participaram do estudo.

do, uma vez que se encontravam afastados das atividades docentes devido a gestação/maternidade ou para cursar pós-graduação.

A coleta de dados ocorreu no final do primeiro semestre letivo do ano de 2010, ou seja, no mês de junho. Para essa etapa foi utilizado um questionário semiestruturado com variáveis sociodemográficas, da atividade laboral e hábitos de vida. Este instrumento foi submetido a um processo de refinamento (validação de aparência), por meio da avaliação de cinco juízes com experiência na área. Posteriormente, foi submetido a um teste piloto com 10 docentes selecionados, aleatoriamente, no curso de Graduação em Enfermagem de uma IES pública do Estado de São Paulo, com o objetivo de verificar a compreensão dos sujeitos em relação às questões e a necessidade de adequação do vocabulário.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, segundo o protocolo nº 0900/2008. Solicitou-se a autorização prévia à reitoria e coordenação dos Cursos de Graduação em Enfermagem das universidades em estudo, assim como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes da pesquisa, sendo garantido seu anonimato e o direito de desistência em qualquer fase da mesma, conforme a Resolução nº 196/96, que trata de pesquisa envolvendo os seres humanos¹³.

Após a coleta, os dados foram tabulados no programa *Software Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 15.0, para análise estatística descritiva e inferencial. Realizou-se o *Teste de Kolmogorov-Smirnov*, encontrando uma distribuição de caráter assimétrico das variáveis analisadas. Dessa forma, utilizou-se para comparação de proporções entre as variáveis nas duas universidades os testes Qui-quadrado de Pearson e exato de Fisher. Considerou-se o nível de significância de 5%, ou seja, os dados foram estatisticamente significantes para $p < 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos docentes dos Cursos de Graduação em Enfermagem, em ambas as universidades, é do sexo feminino e, na amostra total, a faixa etária mais frequente foi de 31 a 40 anos, 30(42,3%). Para essa variável houve diferença significativa entre as duas universidades ($p < 0,05$), sendo que na instituição pública concentram-se os professores mais velhos, 15(38,5%), com 51 anos ou mais, e na privada os mais jovens, 24(75,1%), com idade entre 20 e 40 anos.

Com referência à crença religiosa da população estudada, prevaleceu a católica em ambas as universidades, 52(73,2%), na amostra total; assim como também houve maior frequência de docentes de enfermagem casados ou que vivem com companheiro,

33(84,6%), na instituição pública e 25(78,1%) professores, na privada.

Quanto à renda familiar mensal, houve diferença significativa entre as duas universidades ($p < 0,05$), sendo que na amostra total a renda mais frequente foi entre R\$ 4.001,00 e R\$ 6.000,00; entretanto, percebe-se maiores frequências de renda mais elevada entre os docentes da instituição pública, 15(38,4%), com renda mensal acima de R\$ 8.000,00.

Na amostra total, constatou-se que 20(28,2%) docentes não têm filhos, ressaltando que, na universidade pública, prevaleceram os docentes com dois filhos, 12(30,8%).

A maioria mora em casa própria, 32(82,1%) docentes da instituição pública e 28(87,5%) da privada, como apresentado na Tabela 1.

Constatou-se que a maioria dos docentes de graduação em enfermagem, no conjunto de ambas as universidades, são enfermeiros, 39(54,9%) e sem outro curso de graduação, 59(83,1%). Com relação à titulação, houve diferença significativa entre as duas instituições ($p < 0,05$), sendo os professores com titulação de doutor mais frequentes na pública, 18(46,2%), e os mestres na privada, 17(53,1%).

No que se refere ao tempo de formado na graduação, houve diferença significativa entre as duas universidades ($p < 0,05$), sendo que a maioria dos docentes da instituição pública tem 21 anos ou mais de formado, 21(53,8%), enquanto na universidade privada a maior parte tem de 11 a 15 anos de formado, 12(37,5%). Este fato também foi encontrado em estudo sobre trabalhadores de enfermagem de instituições pública e privada, mostrando que no setor público, geralmente, em que as pessoas submetem-se a concursos e, portanto, possuem maior estabilidade no emprego, as idades e o tempo de formado são mais elevadas que nos setores privados¹⁴.

Detectou-se que houve diferença significativa no tempo de trabalho na docência ($p < 0,05$), sendo que 13(33,3%) docentes de enfermagem da universidade pública têm 21 anos ou mais de trabalho, enquanto a maior parte dos entrevistados da instituição privada, 14(43,8%), tem de 6 a 10 anos de magistério.

Quanto ao tempo de trabalho na atual IES, constatou-se que, na amostra geral, 27(38%) docentes trabalham em suas universidades há menos de 6 anos, tendo diferença significativa ($p < 0,05$), como demonstrado na Tabela 2.

Com referência ao tipo de contrato de trabalho na IES, 38(97,4%) docentes da universidade pública são concursados e apenas um (2,6%) substituto; enquanto que todos os da instituição privada têm contrato com base na Consolidação das Leis de Trabalho, apresentando diferença significativa entre as universidades ($p < 0,05$).

TABELA 1: Distribuição dos docentes do Curso de Graduação em Enfermagem segundo variáveis demográficas. Universidades pública e privada de Alfenas-MG, 2010.

Variáveis	Universidade pública (n=39) f (%)	Universidade privada (n=32) f (%)	Total (n=71) f (%)
Sexo^(*)			
Masculino	10 (25,6)	5 (15,6)	15 (21,1)
Feminino	29 (74,4)	27 (84,4)	56 (78,9)
Faixa etária (em anos)^(**)			
20 a 30	1 (2,6)	6 (18,8)	7 (9,9)
31 a 40	12 (30,8)	18 (56,3)	30 (42,3)
41 a 50	11 (28,2)	4 (12,5)	15 (21,1)
51 ou mais	15 (38,5)	4 (12,5)	19 (26,8)
Crença religiosa^(*)			
Católica	27 (69,2)	25 (78,1)	52 (73,2)
Espírita	7 (17,9)	2 (6,3)	9 (12,7)
Evangélica	3 (7,7)	4 (12,5)	7 (9,9)
Ateu (sem religião)	2 (5,1)	1 (3,1)	3 (4,2)
Estado civil^(*)			
Casado(a)/Com companheiro(a)	33 (84,6)	25 (78,1)	58 (81,7)
Solteiro(a)	3 (7,7)	5 (15,6)	8 (11,3)
Separado(a)	3 (7,7)	2 (6,3)	5 (7,0)
Renda familiar mensal (em reais)^(**)			
2.000,00 a 4.000,00	1 (2,6)	9 (28,1)	10 (14,1)
4.001,00 a 6.000,00	15 (38,5)	14 (43,8)	29 (40,8)
6.001,00 a 8.000,00	8 (20,5)	4 (12,5)	12 (16,9)
8.001,00 a 10.000,00	7 (17,9)	1 (3,1)	8 (11,3)
Acima de 10.000,00	8 (20,5)	4 (12,5)	12 (16,9)
Número de filhos^(*)			
Nenhum	8 (20,5)	12 (37,5)	20 (28,2)
1	7 (17,9)	8 (25,0)	15 (21,1)
2	12 (30,8)	6 (18,8)	18 (25,4)
3	9 (23,1)	6 (18,8)	15 (21,1)
4 ou mais	3 (7,7)	- (-)	3 (4,2)
Tipo de moradia^(*)			
Casa própria	32 (82,1)	28 (87,5)	60 (84,5)
Casa alugada	7 (17,9)	4 (12,5)	11 (15,5)

(*)Valor-p > 0,05 (na comparação entre as universidades)

(**)Valor-p do teste exato de Fisher < 0,05 (na comparação entre as universidades)

TABELA 2: Distribuição dos docentes do Curso de Graduação em Enfermagem de acordo com as variáveis ocupacionais na atual Instituição de Ensino Superior. Universidades pública e privada de Alfenas-MG, 2010.

Variáveis	Universidade pública (n=39) f (%)	Universidade privada (n=32) f (%)	Total (n=71) f (%)
Tempo de formado (graduação) (em anos)^(*)			
1 a 5	1 (2,6)	3 (9,4)	4 (5,6)
6 a 10	4 (10,3)	8 (25,0)	12 (16,9)
11 a 15	7 (17,9)	12 (37,5)	19 (26,8)
16 a 20	6 (15,4)	3 (9,4)	9 (12,7)
21 ou mais	21 (53,8)	6 (18,8)	27 (38,0)
Tempo de trabalho na docência (em anos)^(*)			
1 a 5	3 (7,7)	10 (31,3)	13 (18,3)
6 a 10	9 (23,1)	14 (43,8)	23 (32,4)
11 a 15	7 (17,9)	2 (6,3)	9 (12,7)
16 a 20	7 (17,9)	2 (6,3)	9 (12,7)
21 ou mais	13 (33,3)	4 (12,5)	17 (23,9)
Tempo de trabalho na atual IES (em anos)^(*)			
1 a 5	16 (41,0)	11 (34,4)	27 (38,0)
6 a 10	4 (10,3)	16 (50,0)	20 (28,2)
11 a 15	2 (5,1)	1 (3,1)	3 (4,2)
16 a 20	5 (12,8)	1 (3,1)	6 (8,5)
21 ou mais	12 (30,8)	3 (9,4)	15 (21,1)
Tempo de formado em outro curso de graduação (em anos)^(**)			
6 a 10	- (-)	2 (40,0)	2 (16,7)
11 a 15	1 (14,3)	1 (20,0)	2 (16,7)
16 a 20	3 (42,9)	0 (0,0)	3 (25,0)
21 ou mais	3 (42,9)	2 (40,0)	5 (41,7)

(*)Valor-p do teste exato de Fisher < 0,05 (na comparação entre as universidades)

(**)Apenas os docentes que possuem outro curso de graduação

Ressalta-se também que 38(97,4%) docentes de enfermagem da universidade pública encontravam-se sob regime de trabalho com tempo integral e dedicação exclusiva; 14(43,8%) entrevistados da instituição privada são horistas e 12(37,5%) com tempo integral, mas sem dedicação exclusiva. Entre esses, 3(21,4%) desenvolvem até 10 horas de trabalho na IES; 8(57,2%), de 11 a 20 horas, e 3(21,4%), 21 horas ou mais de trabalho.

É notório enfatizar que existe plano de carreira apenas na universidade pública. Destaca-se que, na universidade privada, o plano de carreira encontra-se em processo de elaboração e implantação.

Evidenciou-se que 38(97,4%) docentes de enfermagem da universidade pública não possuem outro tipo de emprego além da atividade de docência, fato esse justificado pelos dados apresentados anteriormente, em que o mesmo percentual dos docentes possui dedicação exclusiva na instituição de trabalho. Na universidade privada, 10(31,3%) entrevistados possuem outro tipo de emprego, sendo a maioria enfermeiros de instituição de saúde e com carga horária de 21 a 30 horas semanais, o que significa que possivelmente essas pessoas sofrem desgaste pelo exercício de seus trabalhos. Houve diferença significativa entre as universidades na comparação da variável outro tipo de emprego além da atividade de docência ($p < 0,05$).

Estudo envolvendo 314 professores universitários da Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia foi realizado com o objetivo de descrever as condições de trabalho e de saúde dessa população. Foi evidenciado que, entre os docentes entrevistados, a maioria estava na faixa etária de 30 a 39 anos e era do sexo feminino. Quanto à situação conjugal, 65,7% viviam com um companheiro. O nível de qualificação docente mostrou que 56,6% tinham doutorado ou mestrado; apenas 7% possuíam somente a graduação. Verificou-se que, em relação ao tempo de trabalho, predominou o ingresso recente na instituição: 38,9% possuíam menos de 5 anos de trabalho. Também foi observado um percentual significativo de professores com mais de 21 anos de trabalho. A carga horária integral foi predominante: 53,6% dos docentes trabalhavam 40 horas semanais e 41,6% mantinham vínculo institucional de dedicação exclusiva¹⁵.

Investigação que objetivou caracterizar as cargas psíquicas no trabalho de 86 professores efetivos e substitutos, que compõem o quadro de docentes que atuam nos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Santa Maria/Rio Grande do Sul, e sua influência nos processos de saúde encontrou uma amostra composta por 64% de participantes do sexo feminino, com idade variando entre 21 e 64 anos de idade, com média de 41,4 anos. Entre os professores estudados, 65% eram casados. Em relação ao nível de instrução, 70% eram mes-

tres e doutores. A maior ocorrência quanto ao tempo de docência esteve entre 11 e 20 anos. Quanto ao regime de contratação na instituição, 60,5% da amostra era contratada em regime de dedicação exclusiva (integral com 40 h/semanais)¹⁶.

No presente estudo observou-se que na universidade pública os professores de enfermagem possuem uma maior renda, o que pode ser justificado pelo fato deles serem de uma instituição pública com plano de carreira e com titulação de doutores, possuindo assim um salário maior em comparação aos da instituição privada.

Os sujeitos do estudo são majoritariamente do sexo feminino, o que reporta à inserção histórica da mulher na sociedade e que ocorre no trabalho docente. Assim, esse papel é reproduzido tanto na enfermagem, que também apresenta um predomínio de mulheres, quanto na docência¹⁷. Outras pesquisas confirmam a predominância das mulheres na prática da enfermagem e na docência^{18,19}.

A predominância do sexo feminino entre os profissionais da educação está relacionada à inserção feminina no mercado de trabalho. Este campo profissional foi um dos primeiros a incorporar, em uma escala mais ampla, esta participação. Na expansão do setor educacional no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, as mulheres foram chamadas para ocupar os cargos de educadores, considerando que a docência, na época, era vista como atividade própria de mulheres, por envolver cuidado aos outros, considerando-se o trabalho na escola como uma continuação das tarefas exigidas no âmbito doméstico, aparecendo a imagem da mãe educadora. No exercício da enfermagem era essa, também, a semelhança que ocorria, já que a mulher que cuidava em casa, era a mesma que estava capacitada a cuidar dos outros²⁰.

Com relação à titulação, ressalta-se que a elevada formação docente revelou os resultados positivos da política institucional de qualificação dos professores das IES. Nos últimos anos, algumas instituições criaram programas de incentivo à formação docente (cursos de pós-graduação interinstitucional e liberação do docente para cursos em outras instituições)¹⁵.

Pesquisas encontraram dados semelhantes com relação aos docentes com outro emprego além da docência, mas com valores inferiores aos identificados na presente investigação: 19,1%¹⁹, 23,6%¹⁶ e 30%²¹. Dessa forma, é importante relacionar o duplo emprego com o salário, ou seja, o salário dos professores é considerado, por algumas pessoas, como uma espécie de gratificação, admitindo, portanto, a dupla atividade, no caso dos docentes sem dedicação exclusiva com a instituição em que trabalha¹⁶.

As variáveis prática de exercícios físicos, tabagismo, consumo de bebida alcoólica, presença de doenças

crônicas e uso de medicamentos diários são apresentados na Tabela 3.

Na amostra total, 29(40,8%) docentes de graduação em enfermagem praticam atividade física semanalmente e 25(35,2%) são sedentários, não havendo diferença significativa entre os entrevistados das duas universidades ($p > 0,05$). Ressalta-se que a maior frequência de docentes sedentários ocorreu na universidade privada.

Estudo desenvolvido com o objetivo de descrever as condições de trabalho e de saúde dos 314 professores universitários de uma universidade estadual na Bahia constatou que, de acordo com os hábitos de vida, 55,8% dos sujeitos praticavam algum tipo de atividade física¹⁵.

Quanto ao tabagismo, nenhum docente de enfermagem da universidade pública consome cigarros, mas três (9,4%) entrevistados da instituição privada são tabagistas e fumam, em sua maioria, dois (66,6%), até 10 cigarros por dia. Pela avaliação estatística, não houve diferença significativa entre os docentes das duas universidades ($p > 0,05$).

Entre os professores de enfermagem da universidade pública, 22(56,4%) relataram o consumo de bebida alcoólica; enquanto na instituição privada, 10(31,3%) fazem esse consumo, não havendo diferença significativa entre os dois grupos ($p > 0,05$). Na amostra geral, dos docentes que consomem bebida alcoólica, 24(75%) são classificados, segundo a Organização Mundial de Saúde, como usuários leves (utilizou bebida alcoólica no último mês, mas o consumo foi menor que uma vez por semana)²².

Pesquisas que avaliaram essas variáveis em docentes encontraram os seguintes resultados: consumo

de bebida alcoólica, 22% dos entrevistados²¹ e 41,1%¹⁵; hábito de fumar, 7,3% dos professores²¹ e 10,2%¹⁵.

No Brasil, um país considerado em desenvolvimento, o tabagismo tem uma prevalência de 10,1%, segundo os dados do II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas realizado em 2005²². Para a Associação Psiquiátrica Americana²³, cerca de 80% dos tabagistas gostariam de deixar de fumar, 35% interrompem a cada ano e uma taxa inferior a 5% alcança esse objetivo sem auxílio externo.

Foi avaliada a gravidade do uso de tabaco em docentes de ensino médio por meio do número de cigarros/dia; considerou-se quem consumia 20 ou mais cigarros/dia como fumante severo, entre 10 e 19 moderado e de 1 a 9 leve²⁴.

A presença de doenças crônicas nos professores de enfermagem da universidade pública ocorreu em 13(33,3%) e nos da instituição privada em 7(21,9%), não havendo diferença significativa entre os dois grupos ($p > 0,05$). Entre os que apresentam doença crônica, a maioria, de ambas as universidades, tem apenas uma doença, sendo as mais frequentes a hipertensão arterial, o hipotireoidismo e a *Diabetes Mellitus*.

De acordo com o uso de medicamentos diários, 16(41%) docentes da universidade pública e 10(31,3%) da privada fazem uso de medicamentos, não havendo diferença significativa entre os dois grupos ($p > 0,05$). A maioria usa apenas um medicamento, sendo os mais utilizados, em ambas as universidades, o antihipertensivo, o hipoglicemiante oral e o hormônio tireoidiano. Esses dados vão ao encontro dos apresentados anteriormente em que as doenças crônicas mais frequentes nos docentes avaliados fo-

TABELA 3: Distribuição dos docentes do Curso de Graduação em Enfermagem segundo hábitos de vida e perfil clínico. Universidades pública e privada de Alfenas-MG, 2010.

Variáveis ^(*)	Universidade pública (n=39) f (%)	Universidade privada (n=32) f (%)	Total (n=71) f (%)
Prática de exercícios físicos			
Sedentário(a)	12 (30,8)	13 (40,6)	25 (35,2)
Pratica raramente	8 (20,5)	4 (12,5)	12 (16,9)
Pratica semanalmente	16 (41,0)	13 (40,6)	29 (40,8)
Pratica diariamente	3 (7,7)	2 (6,3)	5 (7,0)
Tabagismo			
Não	39 (100,0)	29 (90,6)	68 (95,8)
Sim	0 (0,0)	3 (9,4)	3 (4,2)
Consumo de bebida alcoólica			
Não	17 (43,6)	22 (68,8)	39 (54,9)
Sim	22 (56,4)	10 (31,3)	32 (45,1)
Presença de doença crônica			
Não	26 (66,7)	25 (78,1)	51 (71,8)
Sim	13 (33,3)	7 (21,9)	20 (28,2)
Uso de medicamentos diários			
Não	23 (59,0)	22 (68,8)	45 (63,4)
Sim	16 (41,0)	10 (31,3)	26 (36,6)

^(*)Valor-p do teste Qui-quadrado ou exato de Fisher > 0,05 (na comparação entre as universidades)

ram a hipertensão arterial, o hipotireoidismo e a *Diabetes Mellitus*.

Estudo mostrou que a prevalência de queixas de doenças entre os docentes estudados foi de 72,6%¹⁵. Este resultado foi mais elevado do que o apresentado no presente trabalho.

A hipertensão arterial é a mais comum das doenças crônicas em atendimento ambulatorial e a maior causa de morbimortalidade entre adultos. Sua prevalência varia de acordo com regiões, podendo ser encontrados valores de 4% na China a mais de 30% nos EUA. No Brasil, as taxas variam de 22 a 43%, dependendo da região do país^{25,26}. Já a *Diabetes Mellitus* é outro importante e crescente problema de saúde pública. Sua incidência vem crescendo mundialmente, alcançando proporções epidêmicas, resultante, em grande parte, do envelhecimento da população. Estima-se que em torno de 8% da população brasileira de 30 a 69 anos possuem essa doença, sendo que metade dos pacientes acometidos desconhece sua condição²⁷.

A prevalência de hipotireoidismo subclínico na população adulta varia de 1% a 10% e pode chegar a 21% em mulheres com idade superior a 60 anos. O hipotireoidismo primário é relativamente comum em adultos e sua frequência é associada à idade e ao sexo feminino²⁸. Dessa forma, ressalta-se que, neste estudo, todos os docentes que apresentam essa doença são do sexo feminino.

Além disso, vale mencionar que, quanto mais a idade vai avançando, maior número de complicações e comorbidades vão aparecendo e taxas de depressão também se elevam na presença de outras doenças crônicas²⁹. Cabe destacar que houve maior ocorrência de doenças nos professores de enfermagem da universidade pública e aproximadamente 66% desses docentes têm mais de 40 anos de idade.

CONCLUSÃO

Os Cursos de Graduação em Enfermagem da universidade pública e privada investigados são formados majoritariamente por docentes católicos, casados/com companheiros, do sexo feminino, ressaltando-se os mais jovens na instituição privada e professores mais velhos na pública.

Os professores doutores e com mais de 21 anos de formado e de trabalho na docência são predominantes na universidade pública, assim como os docentes sob regime de trabalho com tempo integral e dedicação exclusiva, o que faz com que os mesmos não tenham outro emprego. Na universidade privada prevaleceram professores horistas ou com tempo integral, mas sem dedicação exclusiva, fazendo com que eles tenham outro trabalho além da docência.

A maioria dos docentes não é tabagista, não possui doenças crônicas, não faz uso de medicamen-

tos diários e pratica atividade física semanalmente, mas existe parte relevante de sedentários. O consumo de bebida alcoólica foi mais frequente entre professores da universidade pública.

A avaliação do perfil sociodemográfico de docentes de graduação em enfermagem de universidades pública e privada, assim como de variáveis da atividade laboral e hábitos de vida, proporciona conhecer quem são os professores que atuam nessa área, assim como permitir as instituições de ensino direcionarem suas atividades acadêmicas de acordo com as características de seus trabalhadores. A instituição privada examinada deveria investir em maiores salários e promover mais possibilidades de qualificação de seu corpo docente, objetivando o melhor desenvolvimento de suas atividades, conforme as exigências do Ministério da Educação.

REFERÊNCIAS

1. Assis DTF, Macedo KB. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. *Psicol Soc.* 2008; 20:117-24.
2. Maslach C, Leiter MP. Trabalho: fonte de prazer ou sofrimento? Guia para vencer o estresse na empresa. Campinas (SP): Papirus; 1999.
3. Donati L, Alves MJ, Camelo SHH. O perfil do estudante ingressante no curso de graduação em enfermagem de uma faculdade privada. *Rev enferm UERJ.* 2010; 18:446-50.
4. Gomes AMT, Oliveira DC. A enfermagem entre os avanços e a inter-relação: representações do papel do enfermeiro. *Rev enferm UERJ.* 2008; 16:156-61.
5. Silva NA, Camillo SO. A educação em enfermagem à luz do paradigma da complexidade. *Rev esc enferm USP.* 2007; 41:403-10.
6. Consolaro A. O ser professor: arte e ciência no ensinar e aprender. 2ª ed. Maringá (Pr): Dental Press Internacional; 2000.
7. Siqueira TCA. O trabalho docente nas instituições de ensino superior privado em Brasília. *Soc estado.* 2006; 21:803-18.
8. Rossato R. Universidade: nove séculos de história. Passo Fundo (RS): Ediupf; 1998.
9. Dal Ri NM. Universidade e sociedade. In: Carara K, organizador. Educação, universidade e pesquisa. São Paulo: FAPESP; 2001. p.3-7.
10. Wanderley LEW. O que é universidade. São Paulo: Brasiliense; 1999.
11. Silva MG, Ruffino MC. Comportamento docente no ensino de graduação em enfermagem: a percepção dos alunos. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 1999; 7:45-55.
12. Rodrigues MTP, Mendes JAC. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. *Rev Bras Enferm.* 2006; 59:456-9.
13. Ministério da Saúde (Br). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética.* 1996; 4 (Supl):15-25.
14. Silva SM, Robazzi MLCC, Marziale MHP, Hass VJ. Los trabajadores de enfermería y las informaciones sobre sus derechos laborales. *Rev enferm UERJ.* 2008; 16:357-63.
15. Araújo TM, Sena IP, Viana MA, Araújo EM. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em

- uma instituição de ensino superior. *Rev baiana saúde pública*. 2005; 29:6-21.
16. Lemos JC. Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários [tese de doutorado]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2005.
 17. Nacarato AM, Varani A, Carvalho V. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível: abrindo as cortinas. In: Grisolia CM, Fiorentini D, Pereira E, organizadores. *Cartografias do trabalho docente*. Campinas (SP): Mercado de Letras; 1998. p.56-68.
 18. Araújo TM, Aquino E, Menezes G, Santos CO, Aguiar L. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadores de enfermagem. *Rev Saúde Pública*. 2003; 37:424-33.
 19. Delcor NS, Araújo TM, Reis EJFB, Porto LA, Carvalho FM, Silva MO, et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2004; 20:187-96.
 20. Araújo TM, Reis E, Kavalkievcz C. Processo de desgaste dos professores. *Revista textual*. 2003; 1(3):14-21.
 21. Reis EJFB, Carvalho FM, Araújo TM, Porto LA, Silvany Neto AM. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2005; 21:1480-90.
 22. Carlini EA, Galduróz JCF, Noto AR, Nappo SA. Levantamento domiciliar de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005. São Paulo: CEBRID/UNIFESP; 2005.
 23. Associação Psiquiátrica Americana. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado - DSM-IV-TRTM. 4ª ed. Porto Alegre (RS): ArtMed; 2002.
 24. Schmitz N, Kruse J, Kugler J. Disabilities, quality of life, and mental disorders associated with smoking and nicotine dependence. *Am J Psychiatry*. 2003; 28:1670-6.
 25. Ministério da Saúde (Br). Controle da hipertensão arterial: uma proposta de integração ensino-serviço. Rio de Janeiro: CDCV/NUTES; 1993.
 26. Jardim PCBV, Gondim MRP, Monego ET, Moreira HC, Vitorino PVO, Souza WKS, et al.. Hipertensão arterial e alguns fatores de risco em uma capital brasileira. *Arq Bras Cardiol*. 2007; 88:452-7.
 27. Mokdad AH, Bowman BA, Ford ES, Vinicor MPH, Marks JS, Koplan JP. The continuing epidemics of obesity and diabetes in the United States. *JAMA*. 2001; 286:1195-200.
 28. Hunter I. Prevalence and aetiology of hypothyroidism in the young. *Arch Dis Child*. 2000; 83:207-10.
 29. Ciechanowski PS, Katon WJ, Russo JE. Depression and diabetes: impact of depressive symptoms on adherence, function, and costs. *Arch Intern Med*. 2000; 160:3278-85.